

Entre o som e o silêncio

As distâncias percorridas pelas mensagens são a cada dia mais interessantes para o universo organizacional. Entre a enunciação e a formação de significados, os diversos aspectos que podem influenciar essa compreensão também podem ser responsáveis pelos resultados concretos e simbólicos obtidos por toda sorte de organizações.

Não só as mensagens, como a ausência destas, influenciam na formação de imagens, de conceitos, de identidades, de culturas e de um sem-número de representações que dizem para e pela comunicação organizacional. Se em alguns momentos tudo é comunicação, noutros o não comunicar já diz tudo.

Entre a mensagem e a sua ausência, entre o que se deseja informar e o que de fato se torna compreendido, pode haver diversos momentos de “silêncio cognitivo” e a impossibilidade de se buscar o diálogo, função prioritária de relações públicas que se manifesta por intermédio da comunicação organizacional, campos de reflexão e de trabalho da *Organicom*.

A ideia de editar um número da revista *Organicom* dedicado aos discursos institucionais surge porque a pesquisa científica em Comunicação Organizacional, bem como em Relações Públicas, no Brasil, já trabalha, há bastante tempo, de forma a assumir a gênese interdisciplinar dos estudos em Comunicação Social e o papel decisivo das Ciências da Linguagem neste contexto.

Na perspectiva interdisciplinar própria do campo da Comunicação, disciplinas como a Sociologia e a Antropologia já asseguraram um lugar consagrado nos trabalhos da área, graças, por exemplo, aos estudos da Teoria Crítica fortemente embasada por autores oriundos da visão sociológica; ou por estudos da Antropologia das Organizações que remete diretamente à aplicação das conquistas das teorias antropológicas às organizações. Essas disciplinas afirmam o caráter fundador das Ciências Humanas nas Teorias da Comunicação. É precisamente neste ponto que, a partir dos anos 1960, as Ciências da Linguagem aparecem como um ponto de vista possível para as análises e compreensão do contexto organizacional.

Podemos, então, dizer, com propriedade, que este número de nossa revista vai ao encontro da proposta de inúmeros cursos de graduação e pós-graduação no Brasil, cujo objetivo primeiro é tratar a Comunicação Organizacional de forma científica, contemplando tanto as investigações da linguagem organizacional, quanto o estudo das organizações sob o ponto de vista da linguagem. São perspectivas distintas que procuramos abarcar nesta visão plural aqui adotada.

Dessa forma, cabe lembrar, o porquê de nos referirmos constantemente não a uma teoria específica, mas à pluralidade implícita que o campo dos estudos da linguagem obrigatoriamente

implica. É necessário frisar que o caráter diversificado e abrangente pertinente aos estudos da linguagem foi a viga mestra que nos conduziu na edição deste trabalho. Assim, buscamos apresentar as principais perspectivas hoje estudadas no campo interdisciplinar da análise dos discursos institucionais. Da Lingüística à Semiótica, da Pragmática à Análise do Discurso, entre a especialização e a abrangência, ficamos como a segunda alternativa.

A atenção dada ao discurso, foco desta edição, nos fez produzir entrevista exclusiva com a pesquisadora americana Linda Putnam. A autora, um dos mais importantes nomes no campo dos estudos de Comunicação Organizacional, é dona de uma produção extremamente relevante e uma das organizadoras do clássico handbook de comunicação organizacional. Além dessa obra, verdadeiro marco para pesquisadores e profissionais, Putnam também está à frente de diversas outras coletâneas. A autora esteve no Brasil durante o *I Congresso Abrapcorp*, em São Paulo, no ano de 2007, e na ocasião pode apresentar seu posicionamento em relação ao estado da arte da Comunicação Organizacional nos Estados Unidos – o texto resultante dessa participação pode ser encontrado em obra organizada por Margarida Kunsch, publicada pela Editora Difusão, em 2009.

No campo das teorias da linguagem presenciamos hoje dois grandes caminhos. Primeiro, observamos trabalhos que privilegiam o aspecto essencialmente linguístico, tendo como base os mecanismos específicos da língua. Vemos a materialidade textual, o texto em sua manifestação nas formas da língua. Trata-se das grandes teorias formais, cujos trabalhos sustentam a compreensão do linguístico propriamente dito. Aparecem aqui, por exemplo, as gramáticas gerativo-transformacionais, dando conta da sintaxe linguística particularmente.

Segundo, há um outro caminho, uma perspectiva de análise voltada para a transcendência linguística, isto é, para as intrínsecas relações entre o linguístico e o extralinguístico. É justamente neste segundo caminho que se encaixa a maioria das pesquisas em Comunicação Organizacional porque é por onde os estudos da linguagem proporcionam uma abertura para novas interfaces. São teorias – algumas com questões conceituais diferentes entre si – voltadas para o modo pelo qual o extralinguístico interfere na língua e em seu modo de existência. Encontramos aqui, entre outras, as teorias que se preocupam com a língua em uso, com a visão performativa da linguagem; teorias herdeiras da Pragmática Linguística, hoje desenvolvidas, principalmente, pelas pesquisas de origem britânica. Nesta edição, essa perspectiva está muito bem contemplada pelo artigo de Jair Antonio de Oliveira. No artigo, o autor investiga natureza performativa e contextualizada dos usos da linguagem e como os hábitos linguísticos institucionais alteram e moldam os sentidos das palavras ordinárias, com resultados imediatos nas interações cotidianas das organizações. Outro trabalho que segue essa mesma linha é o artigo de Elena Godoi analisando as contribuições da Pragmática para a compreensão do universo corporativo.

Sob um outro olhar, mas também tendo em vista a transcendência linguística, temos as teorias referentes ao campo da Análise do Discurso. O conceito de discurso remete ao ponto de encontro entre as estruturas históricas e as estruturas linguísticas; ou seja, o discurso se apresenta como materialidade histórica da linguagem. Nesta perspectiva, o artigo de Roseli Aparecida Figaro Paulino sobre o discurso como materialidade da organização discute as relações de trabalho no contexto da comunicação; e a pesquisa de Fábria Pereira Lima, também dentro dessa perspectiva, discute, por meio da análise de um canal televisivo de marca, o fenômeno da mediatização e seus reflexos na maneira como as empresas se relacionam com a sociedade na contemporaneidade.

Como podemos constatar, a revista está voltada para a riqueza que hoje apresenta o pensamento crítico em Comunicação Organizacional e particularmente, a produção científica na interface entre a comunicação e os estudos da linguagem. Sendo assim, não há como deixar de lado os estudos de retórica das organizações, neste nosso número, contemplado pelos artigos de Cleonice Men da Silva Ramos, cuja abordagem das estratégias argumentativas de revista de negócios proporciona uma interessante visão das relações entre o enunciador e o auditório no universo do jornalismo corporativo. Há, ainda, as reflexões de Alcina Maria Pereira de Sousa sobre retórica e poder, a partir da análise de revistas como *The Economist*, *Visão* e *Sábado*, destacando as representações do discurso empresarial em textos multimodais.

Contamos ainda com os trabalhos produzidos sob a vertente da Semiótica Discursiva. O professor Izidoro Blikstein nos brinda com um texto em que nos mostra como o discurso empresarial manipula os signos, assumindo a função não propriamente de informar, mas, sob o ponto de vista semiótico, a função de criar um efeito de sentido no receptor. Ressalta, ainda, a forma específica da construção dos efeitos de sentido do mundo empresarial. Na mesma direção está o trabalho de Dilson Ferreira da Cruz que traz uma questão fundadora na pesquisa científica sobre discursos institucionais: a definição do objeto. Quais são os contornos que traçam as fronteiras daquilo que pode ser definido como discurso institucional.

As pesquisadoras Sidinéia Gomes de Freitas e Maria José Guerra, também seguindo a abordagem da Semiótica Discursiva, abrem a discussão sobre as paixões no mundo corporativo. Não se trata do estudo das paixões sob o ângulo do indivíduo e de suas manifestações psíquicas; trata-se da forma como as paixões são materializadas na e pela linguagem. Um outro trabalho nessa mesma linha é a pesquisa apresentada por João Baptista Ciacco, profissional atuante no mercado, que faz uma hábil reflexão sobre processos mercadológicos à luz da teoria semiótica.

Os artigos de Ana Lúcia de Alcântara Oshiro e de Wilma Vilaça também trazem contribuições valiosas para o campo dos discursos institucionais. Ana Lúcia de Alcântara Oshiro trata de um outro tema essencial das pesquisas em comunicação e linguagem: a questão da tecnologia da informação e da comunicação digital; a oportuna discussão das questões da linguagem situadas no contexto das sociedades em redes. Wilma Vilaça, por seu turno, apresenta a discussão sobre as questões de comunicação com stakeholders, avaliando as fórmulas de comunicação presentes nas organizações e as efetivas relações que se estabelecem com os públicos preferenciais a partir dessas fórmulas discursivas.

A sessão Espaço Aberto traz ainda Gino Giacomini com uma discussão sobre responsabilidade social, em uma pesquisa feita em empresas de comunicação no Grande ABC; e Sandra Helena Terciotti, por sua vez, com um trabalho diretamente ligado às questões da linguagem.

Nesta *Organicom*, entendemos que as enunciações e as suas ausências fazem com que se contextualizem dinâmicas de compreensão, de interação, que segundo Habermas, se dão por meio da possibilidade de negociação que pode levar a situações de consenso.

Esperamos que nossa revista possa fornecer elementos para incentivar o instigante debate entre linguistas e comunicólogos, exercitando cada vez mais a interdisciplinaridade nos estudos da Comunicação. E vamos ao discurso!

Boa leitura.
OS EDITORES